

A MENINA, A JANELA E O MUNDO: UMA LEITURA SIMBÓLICA E FORMATIVA A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA

THE GIRL, THE WINDOW AND THE WORLD: A SYMBOLIC AND FORMATIVE READING BASED ON CONTEMPORARY CHILDREN'S LITERATURE

Ivone Gomes de Assis

Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1188558393870143>

E-Mail: gomesdeassis@gmail.com

Resumo: O conto infantil "A menina que abriu a janela", de Fernanda Resende, configura-se como uma narrativa envolvente e formativa dentro do universo da literatura infantil contemporânea, no estilo literário maravilhoso. A obra apoia-se em pilares teóricos do gênero, além de evocar elementos simbólicos e estruturais típicos dos contos clássicos. Por meio de uma protagonista que se mostra introspectiva, de uma linguagem poética e de elementos simbólicos construídos, a história aborda temas como medo, aceitação, coragem e pertencimento, sob o viés da imigração. A obra propõe uma experiência estética sensível, em que fantasia e realidade se entrelaçam para revelar os dilemas internos da infância. Ao abordar a diversidade de forma sutil e afetiva, o conto promove empatia e convida à valorização das singularidades. A metáfora da janela amplia-se como um símbolo de transformação pessoal e reconexão com as raízes culturais. Nesse contexto, o livro vai além do entretenimento, ele também educa para o afeto, a memória e o respeito às diferenças.

Palavras-chave: A menina que abriu a janela. Conto infantil. Fernanda Resende. Imigração.

Abstract: Fernanda Resende's short story "The Girl Who Opened the Window" is an engaging and formative narrative within the universe of contemporary children's literature, in the marvelous literary style. The work is based on theoretical pillars of the genre, as well as evoking symbolic and structural elements typical of classic tales. Through an introspective protagonist, poetic language and constructed symbolic elements, the story addresses themes such as fear, acceptance, courage and belonging, through the lens of immigration. The work offers a sensitive aesthetic experience, in which fantasy and reality intertwine to reveal the internal dilemmas of childhood. By approaching diversity in a subtle and affectionate way, the story promotes empathy and invites us to value singularities. The metaphor of the window is expanded as a symbol of personal transformation and reconnection with cultural roots. In this context, the book transcends mere entertainment, serving also as an educational tool for fostering affection, memory, and respect for diversity.

Keywords: The girl who opened the window. Children's story. Fernanda Resende. Immigration.

Introdução

Este ensaio apresenta uma crítica literária da obra “A menina que abriu a janela” (2025), de Fernanda Resende. A análise busca compreender como a obra articula elementos estruturais do conto de fadas com temas contemporâneos da infância, como identidade, diversidade e pertencimento, com base nos estudos de Maurice Halbwachs, que trata da memória coletiva; Bruno Bettelheim, que discute os aspectos psicológicos do conto de fadas; Regina Zilberman, que aborda a literatura infantil como espelho e modelo para o desenvolvimento emocional; Vladimir Propp e sua morfologia do conto de fadas; e Claude Lévi-Strauss, com sua análise das estruturas simbólicas nas narrativas culturais.

O problema central deste estudo é investigar como a literatura infantil pode funcionar como uma ponte entre o “eu” e o “outro”, entre o passado e o presente, revelando sua potência simbólica, estética e formativa. A escolha da obra se justifica por sua proposta textual inclusiva, sendo um conto trilingue (português, italiano e Libras), e por sua inserção no contexto cultural da imigração italiana em Rodeio (SC), cidade onde a autora reside e onde o ensino de italiano integra o currículo escolar desde os anos iniciais. O fato de a autora se inspirar no próprio entorno e construir uma personagem descendente de italianos, moradora da mesma localidade, reforça a relevância cultural e pedagógica da narrativa.

Inserida na literatura infantil contemporânea, a produção de Fernanda Resende se destaca pela estética narrativa e por sua função simbólica e inclusiva. A partir da personagem Florisbela, a autora resgata elementos do conto maravilhoso clássico, conforme a tipologia de Vladimir Propp (1992), atualizando-os às necessidades afetivas e sociais da infância contemporânea.

Florisbela representa o arquétipo da criança sensível, introspectiva e criativa. O nome da personagem, carregado de simbolismo, remete tanto à natureza quanto à beleza interior e à identidade cultural. Essa construção alegórica permite que o leitor infantil se identifique com suas inseguranças e emoções, funcionando como um espelho e um modelo, conforme sugerido por Regina Zilberman (2012). Ao abordar o medo da rejeição e a resistência em se mostrar ao mundo, a autora oferece ao público infanto-juvenil um espaço de reflexão e superação.

A janela, metáfora central na narrativa, representa a fronteira entre o mundo interno da personagem e o espaço social. O gesto de abrir a janela transcende o literal e se configura como um rito de passagem, um marco característico da superação do medo e da busca pelo pertencimento. Essa transição narrativa corresponde, dentro da morfologia proposta por Propp (1992), ao momento de “violação” que antecede a jornada do herói. Nesse sentido, a janela se apresenta como um portal de transformação e, ao mesmo tempo, de revelação da identidade.

Ao investigar como a obra *A menina que abriu a janela* articula esses conceitos com a experiência infantil de forma sensível e crítica, este estudo busca evidenciar como a literatura infantil pode funcionar como um espaço potente de memória, identidade e pertencimento, especialmente em narrativas que resgatam heranças culturais e emocionais. O estudo dialoga com os teóricos citados e os aspectos simbólicos do texto, buscando demonstrar que o conto de Fernanda Resende vai além do entretenimento: ele constrói uma ponte afetiva entre o passado e o presente, entre o eu e o outro, e entre o individual e o coletivo.

Metodologia

A metodologia adotada neste estudo é qualitativa e interpretativa, baseada na análise de conteúdo temática da obra “A menina que abriu a janela”, de Fernanda Resende. O enfoque concentra-se nos elementos simbólicos e temáticos presentes na narrativa, com atenção especial à construção da memória coletiva, identidade cultural e subjetividade infantil, considerando o contexto sociocultural da cidade de Rodeio (SC) e a influência da imigração italiana.

A análise foi conduzida à luz de referenciais teóricos que abordam literatura infantil, memória coletiva e simbologia narrativa, destacando as contribuições de Maurice Halbwachs, Bruno Bettelheim, Teresa Colomer e Regina Zilberman. Essa fundamentação permitiu explorar

múltiplos níveis de leitura e interpretação, ampliando a compreensão dos sentidos presentes na obra.

Desenvolvimento, resultados e discussão

A janela, na narrativa de Fernanda Resende, representa a fronteira entre o eu interior e o mundo externo. Inicialmente, fechada como a protagonista, que se esconde de olhares e julgamentos, a abertura da janela simboliza o rompimento do temor, constituindo o primeiro passo em direção ao outro e ao mundo. Essa metáfora remete à tensão entre interioridade e exterioridade, introspecção e socialização. A resistência inicial de Florisbela em abrir a janela relaciona-se ao receio infantil diante do desconhecido e do medo da rejeição. Quando finalmente o faz, ocorre um verdadeiro rito de passagem.

Na estrutura dos contos maravilhosos, conforme Propp (2010), essa abertura equivale à “violação”, uma das funções narrativas que antecedem o chamado à aventura. Neste sentido, o evento catalisador — a névoa — inaugura a transformação da heroína. Florisbela, com a ajuda da borboleta personificada, seu “ajudante” simbólico, enfrenta provações internas até alcançar um novo equilíbrio: a amizade e a aceitação social. Esse aspecto dialoga com o pensamento de Lévi-Strauss, para quem as narrativas articulam oposições simbólicas (interior x exterior, medo x coragem, exclusão x aceitação). Assim, a heroína enfrenta uma provação (a névoa, o medo), recebe auxílio (a borboleta mágica) e conquista uma nova posição no mundo (a amizade e a inclusão social).

Outro aspecto relevante da obra é a presença do maravilhoso. A borboleta gigante e o dinossauro confidente são personificações peculiares que reforçam a dimensão mágica do conto e o papel da fantasia como mediadora entre o mundo real e o imaginário infantil. Conforme defende Bruno Bettelheim (2002), os contos de fadas auxiliam a criança a elaborar conflitos internos, permitindo-lhe projetar, em figuras mágicas, forças ou inseguranças latentes. A borboleta de Florisbela, por exemplo, atua como o “duplo mágico”, sendo manifestação de sua coragem ainda adormecida.

A linguagem estética utilizada por Fernanda Resende, por sua vez, é marcada por um lirismo acessível e sensorial. Cheiros, cores, texturas e sons compõem um cenário envolvente, que estimula a sensibilidade do leitor sem comprometer a compreensão textual. Essa abordagem vai ao encontro da defesa de Teresa Colomer (2007) sobre a importância do prazer estético na formação de leitores críticos e sensíveis. Ao respeitar a inteligência emocional da criança, a autora reforça a ideia de que a literatura infantil pode ser, simultaneamente, arte e ferramenta educativa.

Outro ponto a destacar é o caráter inclusivo e multicultural da obra, a começar por ser um conto trilingue (em português, italiano e Libras), o que amplifica seu alcance e reforça valores como diversidade, acessibilidade e pluralidade linguística, sobretudo quando pensada em concordância à Lei 13.146/2015 – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Ademais, a ambientação cultural na cidade de Rodeio (SC), com a marcante presença da imigração italiana, permite à narrativa dialogar com a memória coletiva e o sentimento de inclusão. Conforme observa Foucault (1979), todo saber é atravessado por condições políticas e históricas de produção. Dessa maneira, a história de Florisbela não se limita a uma jornada individual: ela ecoa a trajetória de um povo e a resistência de uma identidade em manter-se viva por meio da cultura e da educação.

A obra “A menina que abriu a janela” insere-se também no campo da literatura multiformato, ao ser publicada simultaneamente em três línguas — português, italiano e Libras (Língua Brasileira de Sinais) —, o que amplia significativamente seu alcance e seu valor inclusivo. Essa proposta dialoga com os princípios da acessibilidade cultural, permitindo que leitores surdos ou bilíngues em Libras e português tenham acesso pleno à narrativa. O uso da Libras, reconhecida como língua oficial no Brasil pela Lei nº 10.436/2002, não apenas democratiza o acesso à leitura, mas valoriza a diversidade linguística e cultural, configurando-se como uma ação concreta em prol de uma literatura verdadeiramente inclusiva. Além disso, a presença da língua italiana reafirma o vínculo identitário com a comunidade local de Rodeio (SC), conferindo à obra uma dupla função: educativa e representativa.

Nesse sentido, a literatura infantil multiformato, como exemplifica esta obra, cumpre papel essencial ao propor experiências estéticas plurais, acessíveis e afetivamente significativas. O entrelaçamento de diferentes linguagens — verbal, visual e sinalizada — contribui para o fortalecimento de uma cultura leitora mais democrática, que reconhece as diferentes formas de expressão e percepção do mundo. Ao integrar múltiplos códigos sem hierarquizá-los, o livro estimula a empatia, o respeito às diferenças e o pertencimento. Como recomendação complementar, sugere-se a inclusão de imagens ilustrativas do livro com as respectivas descrições, além do link de acesso à versão digital, permitindo ao leitor vivenciar diretamente os recursos visuais e linguísticos que compõem essa proposta editorial inovadora.

Portanto, “A menina que abriu a janela” articula elementos estruturais do conto tradicional com temáticas contemporâneas, como diversidade, inclusão e autoconhecimento. Por meio de uma linguagem sensível e simbólica, a narrativa convida o leitor infantil a experimentar o mundo literário como espaço de descoberta de si e do outro. O gesto de abrir a janela transforma-se, desse jeito, em metáfora do amadurecimento emocional e da aceitação da própria identidade. Um gesto que, embora singelo, tem força para mudar tudo ao redor.

A obra se inicia descrevendo a localidade, oferecendo, ao pequeno leitor, uma passagem pela geografia e pela botânica, mas enquanto apresenta a natureza, eis que surge a mais bela flor: Florisbela, que morava em meio aos manacás.

Florisbela, protagonista de “A menina que abriu a janela”, representa o arquétipo da criança sensível, introspectiva e imaginativa, características observadas em personagens clássicos da literatura infantil, como “O Pequeno Príncipe”, de Saint-Exupéry, ou “Matilda”, de Roald Dahl. Seu nome, com ares de flor e encanto, já sugere a delicadeza e o florescimento interior, tema basilar da narrativa. São três diferentes infâncias, todavia, um mesmo olhar compassivo sobre o mundo.

A literatura infantil, em suas narrativas mais significativas, costuma revelar não só o universo externo, mas também o mundo interior de seus protagonistas. Nesse sentido, personagens como Florisbela, de “A menina que abriu a janela” (Fernanda Resende), “O Pequeno Príncipe” (Antoine de Saint-Exupéry), e “Matilda” (Roald Dahl), dialogam profundamente entre si por meio de suas singularidades, subjetividades e trajetórias de autodescoberta.

Apesar de inseridos em contextos culturais e históricos distintos, os três protagonistas comungam do traço da introspecção como ponto de partida para suas jornadas. Florisbela, em sua casinha no interior de Santa Catarina, observa o mundo pela janela, silenciosamente, como quem busca entender onde se encaixa. “O Pequeno Príncipe viaja de planeta em planeta tentando compreender as relações humanas e o verdadeiro sentido da existência. Já Matilda, isolada emocionalmente pela negligência da família, refugia-se nos livros e no poder da imaginação para compreender e resistir ao seu entorno. Essas três crianças desenvolvem, portanto, formas próprias de lidar com o mundo que as cerca, ressignificando o silêncio, a fantasia e o conhecimento como formas de resistência e crescimento.

No plano da simbologia, cada um desses personagens experimenta um rito de passagem. Para Florisbela, a janela corresponde à fronteira entre o medo e a liberdade, e sua abertura é o sinal que marca sua coragem de existir como é. Para o Pequeno Príncipe, o rito se dá no reencontro com a rosa e na aceitação do sacrifício como ato de amor e permanência. Com Matilda o rompimento simbólico acontece na superação das figuras de opressão (como a Srta. Trunchbull) e na construção de uma nova rede afetiva com a Srta. Honey. Em todos os casos, há um movimento de dentro para fora: do quarto ao parquinho, do asteroide à Terra, da solidão à construção de laços.

Outro ponto em comum é a valorização da singularidade como traço de beleza. Florisbela, com seus cabelos azuis, pintinhas coloridas e laço tricolor, é inicialmente marcada pela insegurança diante da diferença estética, mas descobre que essas mesmas marcas a tornam especial. O Pequeno Príncipe, com seu olhar encantado, desafia a lógica adulta e revela que “o essencial é invisível aos olhos”, valorizando a autenticidade como via de sabedoria. Matilda, por sua vez, carrega uma inteligência extraordinária, que inicialmente a isola, mas depois a empodera, transformando-se em ferramenta de mudança.

Literariamente, as obras dialogam com diferentes tradições. O conto de Fernanda Resende insere-se na linhagem do conto maravilhoso contemporâneo, com grande influência de simbolismos culturais e pedagógicos. A narrativa de Saint-Exupéry é uma fábula filosófica, repleta de metáforas

existenciais, enquanto Roald Dahl investe em um realismo fantástico com aguçada crítica social e humor ácido. Apesar das diferenças estilísticas, todas as histórias apresentam protagonistas que são, ao mesmo tempo, exemplo e inspiração para o leitor infantil, permitindo às crianças se reconhecerem e se modelarem em suas trajetórias de autonomia e pertencimento. A identificação é perceptível por vários ângulos, sobretudo pelo desejo da criança em copiar o seu herói, por meio das vestimentas e da imitação comportamental e de fala.

Florisbela, o Pequeno Príncipe e Matilda são expressões diversas de uma infância potente, marcada por sensibilidade, coragem e desejo de transformação. Cada qual, à sua maneira, ensina que abrir janelas, ler livros ou observar planetas são atos revolucionários quando feitos com o coração. E, talvez por isso, suas histórias ecoam na mente e no coração de leitores de todas as idades.

Florisbela é um nome simbólico, pois, além de ser literalmente o nome da protagonista, carrega em sua bagagem muitas significações; é também um nome alegórico, uma vez que traduz o abstrato, neste caso, o conceito de beleza; ainda, no quesito alegórico, é possível encontrar uma Florisbela cuja significação é o anúncio de seu papel na natureza.

De acordo com Regina Zilberman (2012, p. 173-174), “A linguagem da literatura infantil” é única, e “pode funcionar como espelho”. Ou seja, a criança-leitora deve encontrar na personagem infantil tanto uma identificação quanto um modelo: “um meio pelo qual pode se mirar”. Florisbela cumpre esse papel ao personificar inseguranças típicas da infância, como o pavor do julgamento, da exclusão, da recusa, e, ao mesmo tempo, aponta caminhos possíveis de superação, por meio da criatividade, do afeto e da coragem.

Além disso, o ambiente natural e os elementos culturais, como araucárias, manacás, cucas e saíras, ampliam os saberes da criança, promovendo nela o senso de pertencimento e a valorização da diversidade cultural. Esses elementos estendem o imaginário do leitor por meio da literatura lúdica, conforme defende Nelly Novaes Coelho, e ainda criam uma ambientação característica do Sul do Brasil.

A literatura infantil mobiliza a memória da criança da mesma forma que os causos ativam as recordações dos mais velhos. Tudo é história, portanto, memória. Ao comentar a teoria de Bergson, Ecléa Bosi (1979, p. 15) afirma que “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios”. Florisbela dá vida ao passado de seu povo por meio da arquitetura da casa onde mora, das cores do laço que prende seus cabelos e da memória olfativa evocada pelo “cheirinho de pão caseiro”. Todos esses elementos contribuem para reconstituir tradições familiares que sobrevivem ao tempo e fortalecem a fantasia que povoa seu imaginário.

Em um ciclo afetivo, os fragmentos do passado influenciam a memória, que provoca emoções e vulnerabilidades, despertando o imaginário. Nesse processo, a contação de histórias pode funcionar como instrumento pacificador. Como ensina Madalena Freire (2002, p. 42): “Histórias que entram em cena mediadas por suas lembranças. Tais lembranças necessitam ser faladas, escritas, lidas, assumidas, afirmadas, escutadas, para poderem assim ganhar status de memória, serem lapidadas”.

Maurice Halbwachs (1990, p. 34) destaca que “não basta que [...] nos tragam seus depoimentos”; é preciso manter acesa a chama memorial. Reconstituir um acontecimento do passado peça por peça não é suficiente para obter uma lembrança viva.

Para Halbwachs, a memória é um fenômeno social: as recordações pessoais não nascem isoladamente, mas se constroem por meio da convivência e da permanência em um grupo. Esse conceito se alinha à trajetória de Florisbela, protagonista da narrativa de Fernanda Resende. No início da história, a menina está desconectada do coletivo, enclausurada em sua interioridade e seus medos. Sua dificuldade em abrir a janela simboliza o medo do desconhecido e a ausência de uma “memória partilhada”, pois, conforme argumenta Halbwachs, ao perder o vínculo com o grupo, perdemos o acesso às vivências comuns que ele preserva. Assim, a resistência inicial da personagem expressa uma ruptura entre o eu e a memória coletiva.

Por ser criança e reclusa, Florisbela ainda não havia construído um elo de memória coletiva com seus pares, pois sua memória estava restrita às referências familiares, enquanto o social ainda

estava por vir.

Ao abrir a janela, Florisbela inicia uma reconexão com o mundo ao seu redor, simbolizando também a reativação da memória comum. A névoa, como evento catalisador, e a borboleta, como figura auxiliadora, refletem sua transição do isolamento para o pertencimento. Halbwachs indica que trazer o passado de volta além de reconstituí-lo em fragmentos, o reconstrói a partir das noções compartilhadas entre indivíduo e sociedade. A ambientação rica em elementos da cultura local — araucárias, cheiro de pão caseiro, fauna e flora típicas — oferece o contexto comum necessário para essa reconstrução. Nesse sentido, a paisagem natural e os símbolos culturais atuam como portadores da memória social, funcionando como âncoras afetivas que permitem à criança se reinscrever em seu grupo cultural.

O que Florisbela vivencia é, portanto, o que Halbwachs chama de perda e reconstrução da memória coletiva. Os detalhes do cotidiano: o laço nos cabelos, o aroma do pão, são imagens-lembrança que, como destaca Ecléa Bosi ao interpretar Bergson, emergem como fragmentos de um passado conservado no espírito e atualizado pela imaginação. Na literatura infantil, tais elementos são essenciais para formar no leitor a consciência de pertencimento a um espaço, uma cultura e uma história. Ao recuperar essas pequenas memórias cotidianas, a narrativa de Resende realiza o que Halbwachs propõe: a memória individual só se completa quando ancorada no coletivo, nas experiências compartilhadas de uma sociedade.

Assim, o ato de contar histórias, como aponta Madalena Freire, transforma imagens dispersas em memória afirmada, disseminada e escutada. Na obra, essa contação simbólica se concretiza na jornada de Florisbela, cuja abertura ao mundo permite o contato com os registros do grupo e, simultaneamente, a contribuição com suas próprias experiências. Esse movimento — ida e volta entre o eu e o outro — é essencial para que a memória individual se constitua, adquirindo forma e significado ao encontrar eco no mundo social. O conto de Resende encena a preparação da protagonista e oferece, ao leitor, uma metáfora da memória coletiva, como espaço de reconstrução da identidade e diálogo entre passado, presente e imaginação.

Halbwachs afirma que a memória individual não se sustenta por si só; o fio condutor é a rede social e cultural. Isso é evidente na literatura infantil e na infância em geral. Florisbela compreende o sentido das coisas por meio das experiências compartilhadas com a família e amplia sua percepção por meio do diálogo com a borboleta, promovendo o processo de “lembrar e compreender” no contato com o coletivo. Essa ideia está alinhada ao pensamento de Halbwachs: a memória da criança é moldada pelas “referências culturais e sociais do grupo” a que pertence, família, escola, comunidade e saberes culturais.

O livro infantil funciona como um dispositivo de memória coletiva, narrando tradições, histórias familiares, contos populares e outros saberes, que estimulam memórias individual e social. Em Florisbela, a arquitetura, as cores, a memória olfativa e as vivências familiares ilustram o universo memorialístico em que a personagem está inserida, formando sua identidade a partir dessa cadeia de reminiscências.

Como ressalta Halbwachs, “se saímos do grupo”, perdemos o acesso à memória comum. O livro infantil, por sua vez, ergue pontes para que a criança mantenha a conexão com a coletividade cultural, mesmo diante de mudanças.

A literatura infantil atua como uma catraca que conduz a criança à oficina criativa da memória, transportando-a ao seu baú psicológico, físico, social e cultural, por meio da experiência das lembranças. Florisbela traz o passado no contexto familiar, histórico e afetivo, encontrando a chave para acessar o futuro lançado além da janela. Ao ouvir as histórias sobre sua bisnonna e seu bisnonno, e sobre seu povo antepassado, ela constrói seu acervo de reminiscências e compatibilidades, o que Halbwachs chama de “fundamento comum”, evidenciando a breve anamnese da imigração e das tradições mantidas vivas.

Halbwachs também discute a “ruptura da memória coletiva”, que, no caso da menina que abre a janela, é traduzida pela falta de autoconfiança, afastando-a dos amigos. A literatura infantil aborda essas rupturas ao tratar de temas como migração, perda, morte e mudanças sociais. Em contextos migratórios, a criança consegue “reconstruir lembranças num novo ambiente” mesmo sem integrar completamente a coletividade original, conforme Halbwachs, graças à convivência social.

Assim, compreendemos que a literatura infantil é guardiã da memória coletiva, servindo como meio de reconhecimento e pertencimento. Ela ajuda a criança a reconstruir e ressignificar suas recordações, preservando tradições, afetos e identidades, mesmo em face das transformações temporais. Portanto, a literatura infantil tanto entretém quanto conecta a criança ao seu grupo cultural, proporcionando-lhe uma base comum para lembrar e ser lembrada, conforme propõe Halbwachs em sua teoria da memória social.

Pensando na relação entre memória individual e coletiva, à luz de Maurice Halbwachs, entende-se que esse processo exige alimentação contínua para evitar o esquecimento. A memória individual sozinha não garante a preservação do passado. Afinal, ela não é um quebra-cabeça com fórmula pronta para sua resolução, cujas peças se remontam isoladamente. A memória precisa de um ponto social comum, uma linguagem compartilhada e experiências coletivas que deem sentido à reconstrução da história. Quando cessamos a partilha de valores e contextos, a ponte entre as memórias se rompe, e certos sentimentos perdem significado.

Os vestígios memorialísticos desaparecem porque a sociedade, o grupo, a rede simbólica que os sustentava se desfaz. A memória individual só se mantém viva quando entrelaçada com a memória coletiva. Recordar é um fenômeno social que depende do pertencimento, da linguagem e dos vínculos entre as pessoas. A tradição é o elo que mantém acesa a chama da lembrança. Quando nos afastamos do grupo, perdemos parte da capacidade de recordar o que só fazia sentido naquele contexto compartilhado.

A contação de histórias é um ato contagiante, para quem lê, conta, ouve e assiste. Trata-se de uma troca mútua: de um lado, o prazer da entrega; do outro, o prazer da recepção. O contador, ao assumir o personagem para emocionar o público, promove a identificação do espectador, que pode rir, chorar, odiar ou amar, até mesmo incorporar traços dos personagens.

Embora Florisbela seja um conto maravilhoso sem fadas, possui prosopopeias como Dino, o dinossauro confidente, e a borboleta conselheira. Apesar dos múltiplos elementos enriquecedores, o essencial é observar que Florisbela é uma criança que vive como tal, cercada de brinquedos. E seu lado humano mostra que Florisbela, como qualquer pessoa, também sofre e sente saudades e pânico, mas a amizade verdadeira é um elixir de ânimo, e um bom conselho pode salvar a qualquer um.

A aparição da borboleta gigante e o laço tricolor ilustram o momento fantástico e simbólico da narrativa, cujo elemento mágico catalisa a transformação da protagonista. A voz da borboleta remete à ludicidade, e as cores do laço remetem à herança cultural de Florisbela (verde, branco e vermelho, como a bandeira da Itália). Não por acaso as cores memorialísticas estão no laço de fita, pois ambos – laço e lembranças – não saem da cabeça da menina. Essa evocação das cores, associada ao laço da menina, cria um elo entre identidade, ancestralidade e autoaceitação, remetendo-a ao “duplo mágico”, aquilo que Bruno Bettelheim, em seu livro “A Psicanálise dos Contos de Fadas”, chamaria de projeção de uma força interior latente. A borboleta representa a voz interior, ou seja, a coragem e a confiança que Florisbela precisava descobrir. É ela quem verbaliza a mensagem transformadora: não ter medo de ser quem se é.

Bruno Bettelheim (2002), ao analisar o papel da fantasia nos contos de fadas, destaca que os elementos simbólicos ajudam a criança a elaborar conflitos internos, sobretudo o temor da rejeição e a necessidade de aceitação. A névoa que cobre a cidade é a metáfora do medo. Ao abrir a janela, Florisbela dissipa a opacidade da angústia e permite que a luz da amizade, da aceitação e da vida adentre seu mundo.

Segundo o autor, “os contos de fadas deixam à fantasia da criança o modo de aplicar a ela mesma o que a ficção revela sobre a vida e a natureza humana” (Bettelheim, 2002, p. 47), permitindo que ela elabore suas emoções mais profundas, a fim de vencer o medo e o desejo de ser aceita. O surgimento da borboleta em um momento de crise psicológica (a névoa) funciona como uma manifestação simbólica do “princípio de esperança”, oferecendo uma saída transformadora. Dessa maneira, “enquanto a criança entremeia fantasias ao redor da estória [...], ela lentamente se familiariza com a forma de o gênio responder à frustração e ao encarceramento; um passo importante na direção de se familiarizar com reações paralelas nela mesma” (Bettelheim, 2002, p. 31). Com isso, a própria criança chegará à conclusão de que a história é fato ou ficção, o que dependerá, segundo Bettelheim, “de quão pronta esteja para reconhecer esses processos”.

A narrativa de Fernanda Resende trabalha com sutileza temas fundamentais, como a inclusão, a diversidade estética e o afeto. Florisbela é uma criança com aparência incomum: cabelo azul, pintinhas coloridas, laço mágico, que teme não ser aceita. Ao final, sua singularidade é acolhida com afeto e alegria pelas outras crianças, sem julgamentos quanto à sua diferença estética, revelando uma mensagem de empatia e respeito ao diferente. Com isso, Fernanda Resende aborda as questões da diversidade, inclusão e igualdade.

Esse movimento está em sintonia com propostas contemporâneas da literatura infantojuvenil que, como defende Peter Hunt, em sua obra “Crítica, Teoria e Literatura Infantil”, devem além de entreter, também educar emocionalmente e construir uma consciência crítica sobre si e o outro. “O leitor preenche as ‘lacunas’ no texto, reduzindo assim suas ‘indeterminações’” (Hunt, 2015, p. 109).

Todo leitor, sobretudo a criança, busca o prazer estético no livro que lê, a fim de resolver seus questionamentos, bem como enfrentar desafios que pululam em seu imaginário. Nesse sentido, “A menina que abriu a janela”, de Fernanda Resende, vem preenchendo essas lacunas por meio de uma linguagem suave, acolhedora e com imagens vívidas. É um conto adjetivado sem excessos, e rico em metáforas sensoriais: o cheiro do pão, o brilho das asas, o vento que “assobia”, o glitter que “explode como arco-íris”. Pode-se, então, afirmar que a escrita da autora é marcada por uma estética sensorial presente nos sons e nas fragrâncias, cores e texturas, que são evocados de forma clara, proporcionando uma experiência literária acessível à criança. O texto equilibra lirismo com simplicidade, valorizando a capacidade perceptiva do pequeno leitor, sem perder o prazer da leitura, oriundo da diversão com a narrativa. É um jogo entre a integração e interação social e o senso crítico e a criatividade da criança, formando aquilo que chamamos de aprendizagem por intermédio da curiosidade e da diversão.

Isso contribui para criar um universo poético, encantador e facilmente visualizável pelas crianças, e também favorece sua compreensão leitora. Esses são elementos essenciais ao universo da literatura infantil, pois, como defende Teresa Colomer, o prazer estético na formação de leitores é muito importante. E afirmar que “as crianças não vão entender” é, segundo a autora, “uma afirmação sempre hipotética” (Colomer, 2007, p. 89).

Colomer reforça que o prazer estético é fundamental na formação de leitores e que subestimar a compreensão infantil é um equívoco. Ao abrir espaço para o simbólico, o mágico e o sensível, a autora respeita a inteligência emocional do público infantil.

Afinal, o “contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho” (Antunes, 2009, p. 200) é inerente ao prazer da leitura.

A escritora Fernanda Resende, autora de “A menina que abriu a janela”, mora na cidade de Rodeio, no estado de Santa Catarina, e tem duas filhas pequenas, que estudam na escola municipal local.

Rodeio tem sua fundação datada de 1875, com a vinda de imigrantes que fugiam da precariedade econômica na qual se encontrava o Império Austro-Húngaro. Os primeiros povos vieram do Tirol, região histórica entre o sul da Áustria e o norte da Itália, e, à época, o idioma falado era o italiano, com predominância húngara; hoje, em alguns lugares no norte da Itália – como na *comuna de Braies*, província de Bolzano, onde fica o *Lago di Braies* – fala-se o italiano com predominância do alemão, como consequência da Segunda Guerra Mundial. O fato é que somos o lugar onde vivemos, com influência do lugar de onde viemos, porque somos forjados de matéria física e emocional.

Atraídos pela oferta de emprego nas regiões cafeeiras, italianos de toda parte, sobretudo do norte do país, onde a situação era mais crítica, foram se instalando no Brasil. O Estado Brasileiro oferecia incentivos aos europeus que desejavam trabalhar nas fazendas brasileiras, uma vez que a Lei Áurea, de 1888, esvaziou os campos de mão de obra, e os senhores feudais, enraizados em uma insana cultura escravista, agora interrompida, em vez de abrirem portas ao conhecimento para aqueles que já os serviam, optaram por implantar uma cultura europeia. Com isso, vislumbravam um negócio proveitoso, penalizando ainda mais aqueles que já eram castigados por toda a vida, porque agora não sabiam o que fazer com sua pseudoliberalidade – livres da chibata e presos na carência econômica – e, em contrapartida, teriam força de trabalho barata, sob a esperança da posse de terras e de independência financeira, de um povo estrangeiro, que vinha de uma Itália massacrada

por declínio econômico e social muito tenso. Para tirar proveito de tudo isso, a economia cafeeira brasileira estabeleceu uma espécie de escambo, em que o país ofertava trabalho e “ascensão social” e recebia *status* cultural e mão de obra qualificada. Mas a persistência dos italianos, agora luso-brasileiros, deu a eles a autonomia esperada e ainda enriqueceu a cultura brasileira com sua diversidade.

Rodeio só alcançou emancipação em 1937, às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, o governo de Mussolini caía, na Itália, e, no Brasil, iniciava-se o Estado Novo, capitaneado por Getúlio Vargas.

O leitor pode até questionar: o que isso tem a ver com uma crítica de literatura infantil? E posso assegurar que, neste caso, tem tudo a ver, a começar por uma população majoritariamente descendente de italianos, o que evoca os termos “luta” e “sobrevivência”. Rodeio é formada por uma gente marcada pelo trabalho, pela ausência da pátria-mãe, pela disputa entre grupos imigrantes politicamente antagônicos: austríacos, carbonários e católicos, bem como pela batalha de se adaptar a um país cuja língua não era a sua.

Com o tempo, os patriarcas estrangeiros foram se despedindo, e os descendentes, como brasileiros que não fogem à luta, mantiveram o fôlego desse município sob a luz acesa da pira cultural italiana. A complexidade foi dando espaço à evolução e, agora, o município conta com cerca de 13 mil habitantes. Um município pequeno em população, mas gigantesco em cultura.

Desse modo, têm-se a existência da pequena, porém determinada, Rodeio de hoje, com sua cultura e seu sistema educacional, no qual o ensino da língua italiana é disciplina obrigatória no ensino fundamental público, conforme Art. 188, da Lei Orgânica nº 7/2008 estabelecida no Município. Como ensina Foucault (1979, p. 21), “todo conhecimento, seja ele científico ou ideológico, só pode existir a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios do saber”.

É graças a esse zelo cultural que o livro “A menina que abriu a janela”, de Fernanda Resende, ganhou fôlego, um livro bilíngue (português-italiano), com sutil resgate memorialístico da tripulação do La Sofia, aquele imenso veleiro de três mastros que encheu de esperança um povo embebido do sonho da “Terra Nostra”.

Florisbela, “a menina que abriu a janela”, propõe celebrar os 150 anos da imigração italiana no Brasil, na voz de uma criança, da mesma forma que exalta sua própria viagem rumo a uma nova vida, uma vida mais autoconfiante.

Conclusão ou considerações finais

A narrativa de Florisbela é uma pequena joia da literatura infantil contemporânea. Destaca-se por sua proposta inclusiva e multicultural, rica em simbologias e estruturada de forma a respeitar tanto os arquétipos clássicos quanto os dilemas modernos da infância. A proposta literária se entrelaça às necessidades emocionais das crianças de hoje, como o medo da exclusão, o desejo de pertencimento e a valorização das diferenças, e oferece uma reflexão essencial: mudar exige coragem e atitude.

Pensando nos elementos fundamentais do universo lúdico da literatura para crianças, vale relembrar a defesa de Teresa Colomer sobre o papel do prazer estético na formação de leitores. Para a autora, afirmar que “as crianças não vão entender” é sempre uma hipótese, nunca uma certeza (Colomer, 2007, p. 89).

“A menina que abriu a janela” é uma produção literária infantil exemplar. Respeita estruturas clássicas dos contos de fadas, como as propostas por Propp e Lévi-Strauss, ao mesmo tempo em que atualiza essas estruturas com temáticas contemporâneas, como diversidade, empatia e pertencimento. A história de Florisbela funciona como uma metáfora do amadurecimento e da aceitação de si. Oferece à criança-leitora um modelo simbólico de enfrentamento, algo essencial diante de questões tão atuais como *bullying*, preconceito e distúrbios neurocomportamentais. Esses desafios exigem maior atenção dos adultos, para que possam ajudar as crianças a encontrarem suas próprias respostas. Nesse sentido, a obra deixa uma mensagem poderosa: abrir a janela pode, sim, mudar o mundo.

Apresentada em três línguas, português, italiano e Libras, e ambientada na cidade de

Rodeio, em Santa Catarina, a obra valoriza a identidade cultural dos descendentes de imigrantes italianos e o ensino bilíngue nas escolas públicas locais. A simbologia da janela e da borboleta reforça o processo de amadurecimento da personagem e sua descoberta do mundo. Assim, o livro contribui para a formação estética, emocional e cidadã do leitor infantil. Ao incluir Libras, amplia tanto o seu alcance quanto a sua mensagem de respeito e acessibilidade, reforçando um direito essencial: o direito de toda criança ao encantamento literário.

Referências

- ANTUNES, Celso. **O prazer de ler**. Campinas: Papyrus, 2009.
- BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: TAQ, 1979.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 2000.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 296 p.
- FREIRE, Madalena. Memória. In: Freire, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- RESENDE, Fernanda. **A menina que abriu a janela [La bambina che ha aperto la finestra]**. Tradução em libras Liliane Vieira. Rodeio (SC): Ed. da Autora, 2025.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2012.

Recebido em: 05 de Junho de 2025

Aceito em: 29 de Setembro de 2025